

APENAS R\$ 24,90/mês

ASSINE A OESTE

PUBLICIDADE

Revista Oeste » Artigos » Edição 209 » O caráter do pecuarista



O pecuarista precisa ter muito caráter para lidar com esse gado | Foto: Shutterstock

| EDIÇÃO 209

O caráter do pecuarista

O Brasil é o maior exportador mundial de carne bovina. E o



ouça este conteúdo

readme



1.0x

*Eh, oh, oh, vida de gado**Povo marcado, eh!**Povo feliz!***(Zé Ramalho, Admirável Gado Novo)**

Perdoem, agricultores. Caráter é coisa de pecuarista. A pecuária vai bem no Brasil, para frigoríficos e supermercados. Já para pecuaristas, nem tanto. O pecuarista precisa ter muito caráter para lidar com esse gado. Caráter designa a maneira habitual de agir e reagir, própria a cada indivíduo. Ele evoca firmeza, coerência e é um sinal distintivo, exclusivo de cada pessoa. Inerente desde o nascimento, o caráter é positivo. Se negativo, é adjetivado: “mau-caráter”, “sem caráter”, “caráter duvidoso”, “fraco de caráter”, e por aí vai.

Entrar  

em frente as pessoas; caráter e voce fazer na ausencia delas”, dizem. Ou: “O tempo desmascara aparências, revela a mentira e expõe o caráter”. Palavra densa, “caráter”. Designa cada sinal da escrita e tipografia (letra, número, pontuação etc.).

Para a filosofia, por pleonismo ou tautologia, “caráter” designa um conjunto de *character-ísticas* relativas à maneira de agir e reagir de um indivíduo ou grupo. Na psicologia, pelo menos para Jacques Lacan, *o caráter é aquilo que não se oferece à interpretação*. Qual é a origem ou *character-ística* da palavra

Desde o **Neolítico**, animais domésticos são marcados. Na **Grécia Antiga**, “caráter” (**χαρακτήρ**) designava o ferro utilizado para marcar o gado: o gravador. A marca dava identidade, proteção mágica e pertença ao animal. Em cada ferro havia um sinal ou emblema, por ele produzido ou impresso, daí seu segundo sentido: marca. Em latim, “*character*” também designava o instrumento e a marca a ferro quente.



“Caráter” designava o ferro utilizado para marcar o gado: o gravador | Foto: Shutterstock

Condenados eram marcados na testa a ferro na **Roma Antiga**. Levavam à vida o traço indelével, a cicatriz identificadora do crime cometido, visível a todos. Com o tempo, passaram a ser marcados nas mãos e pernas. No **Ancien Régime**, marcavam-se com “V” ladrões (*voleur*); com “GAL”, condenados às galeras; com “F”, falsários etc. A prática só foi abolida em 1832.

batismo. Nele, o batizado recebe a marca da fé, o sinal da cruz, “por caráter indelével” (**Cânon 849**). Os marcados pelo batismo pertencem a Cristo. Essa marca divina, *Dominicus character*, ninguém pode tirar, nada pode apagar. Batismo é para sempre. Imprime caráter sagrado, inviolável e santo nas crianças. Batiza-se para a criança “ter caráter”.

Na pecuária, o ferro de marcar, o caráter, está saindo de cena. Em 2024, o governo de São Paulo dispensou a marcação a ferro na face das bezerras para identificar vacinação contra brucelose. Basta um brinco. Recebeu elogios de pecuaristas e ambientalistas, focados no **bem-estar animal**. O cuidado com o bem-estar animal se reverte em produtividade. Marcar com ferro é prática a ser eliminada. Nada simples com furtos e roubos de gado tão frequentes no meio rural. Há recursos alternativos (tatuagens, brincos, brincos eletrônicos, chips etc.) que não geram sofrimento ou trauma ao animal. É tempo de acabar com a insegurança e o caráter *na* (e não “*da*”) pecuária.

Não é simples marcar, quanto mais rastrear, um rebanho bovino com mais de 200 milhões de cabeças. Dos 6 milhões de estabelecimentos agropecuários do Brasil, 2,5 milhões dedicam-se à pecuária. Deles, 1,9 milhão tem menos de 50 cabeças; e 600 mil, mais de 50 cabeças. “Quem planeja o que não executa e depois avalia o que não fez” **muge políticas** e controles aos governos para os pecuaristas.





Marcar com ferro é prática a ser eliminada. Há recursos alternativos que não geram sofrimento ou trauma ao animal, como tatuagens, brincos, chips etc. | Foto: Shutterstock

O rebanho brasileiro dobrou em relação aos anos 1970. Em três décadas, **cresceu** 13%; a produção de carne, 108%; e a produtividade por área de pasto, 147%. A área das pastagens diminuiu 16% (**Revista Oeste, edição 135**). Como crescem rebanho e produção de carne e cai a área das pastagens? Os ganhos de produtividade nas pastagens decorrem de novas variedades de capins, pastos bem manejados, mais produtivos, com maior qualidade nutricional, mais resistentes a seca, cigarrinhas e outras pragas, além da suplementação mineral, proteica e de outros aditivos. Ainda há muito a avançar: apenas metade do rebanho bovino recebe suplementação mineral adequada.

No país, em graus variados, aumentou a natalidade nos rebanhos, diminuiu a mortalidade, houve redução na idade de

como a de circuitos de distribuição de insumos genéticos, nutricionais e farmacêuticos, e de sistemas de gestão.

No mundo não tem sido assim. O rebanho mundial, outrora superior a 1 bilhão de cabeças, hoje é inferior a 950 milhões. E segue em queda. O rebanho brasileiro é o maior e representa 22% dos bovinos ruminando e mugindo mundo afora. Depois do Brasil, em efetivo decrescente, estão Índia, Estados Unidos, China, União Europeia, Argentina e Austrália.

Em 2023, pela estimativa do **IBGE**, foram abatidos mais de 34 milhões de bovinos (dados formais nos circuitos de comercialização). A Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (**Abiec**) estima valores mais elevados com dados informais de abates em fazendas, autoconsumo etc.



Em três décadas, o rebanho brasileiro cresceu 13%; a produção de carne, 108%; e a produtividade por área de pasto,

A pecuária é exemplo de **economia circular** e **upcycling**, como ilustra a Associação Brasileira de Reciclagem Animal (**Abra**). Por exemplo: como por aqui os bois têm quatro patas, o abate gerou mais de 140 milhões de cascos, destinados à **produção industrial** de farinhas, pó de extintor, adesivos, condicionador, xampu, papel de parede, compensados e laminados, vernizes, tintas, mordedores para cães etc. (**Revista Oeste, edição 115**).

Do abate bovino em 2023 resultaram 10,8 milhões de toneladas de carne (**TEC**). Desse total, 72% atenderam ao consumo interno. O **volume exportado** foi recorde: mais de 2,5 bilhões de toneladas. Ainda assim, segundo a Associação Brasileira de Frigoríficos (**Abrafrigo**), a receita das **exportações de carne bovina** para 173 países caiu de US\$ 13 bilhões em 2022 para US\$ 10 bilhões em 2023. O preço da carne bovina despencou de US\$ 5,7 mil por tonelada em 2022 para US\$ 4,6 mil por tonelada em 2023.

Cinco estados respondem por 76% da exportação de carne bovina. São Paulo lidera com 575 mil toneladas (23%). Seguem Mato Grosso, com 520 (21%); Goiás, com 344; Mato Grosso do Sul, com 243 (9,5%); e Minas Gerais, com 229 mil toneladas (8,5%).

Dadas a dimensão da pecuária e a estruturação profissional do setor, um excedente da ordem de um quarto da produção faz do Brasil o maior exportador mundial de carne bovina. E o mundo quer mais carne.

Em 50 anos, o consumo de carne quase dobrou no planeta: de 34 milhões de toneladas (1970) para cerca de 58 milhões (2022). Isso resulta do crescimento da população de 3,7 bilhões de pessoas para mais de 8 bilhões, da urbanização e da renda

Entre 2013 e 2023, o consumo de carne na China cresceu 70%, de 6,5 milhões para 11 milhões de toneladas. Na Índia cresceu 42% e na Europa caiu 14%. Dada a dimensão da população, o consumo chinês é baixo, de cerca de 7 quilos por habitante por ano. E cresce. Os cinco maiores países consumidores de carne são Argentina (47,5 kg/hab/ano), Zimbábue (41 kg/hab/ano), Estados Unidos (38 kg/hab/ano), Brasil (37 kg/hab/ano) e Austrália (29,5 kg/hab/ano).

Em março de 2024, a **China habilitou** 24 abatedouros de bovinos, um estabelecimento bovino de termoprocessamento e um entreposto. Os frigoríficos JBS, BRF, Marfrig e Minerva **ganham, somados, cerca de R\$ 3,8 bilhões** em valor de mercado na B3 só com essa decisão da China. Quanto ganharão os pecuaristas?



Em 50 anos, o consumo de carne quase dobrou no planeta: de 34 milhões de toneladas (1970) para cerca de 58 milhões (2022) | Foto: Shutterstock



escravo responsável pela sua guarda, por oposição ao peculiar: a parte própria do rebanho do proprietário. A palavra evoluiu para o sentido de específico ou próprio. “Pecúnia” vem da mesma raiz. Na origem, designava riqueza em animais, depois em dinheiro e, por extensão, moeda e honorários, primitivamente pagos com animais. Com o tempo, “pecuniário”, significado latino de rebanho, estendeu-se ao dinheiro e à riqueza (**Revista Oeste, edição 117**).

A pecuária é altamente empregadora e distribuidora de riqueza. Demanda mão de obra intensiva, principalmente em frigoríficos, e contribui com mais de 2 milhões de empregos. Da população empregada no Brasil, 2,5% estão na cadeia da pecuária. São cerca de R\$ 23 bilhões **pagos anualmente em salários**. Setores dependentes da carne bovina, não internos à cadeia produtiva, pagam outros R\$ 35 bilhões. Tudo isso vai para consumo, contratação de serviços, compra de bens móveis e imóveis, e impacta positivamente a economia local e nacional. Ainda assim, “carimbos” e burocracia não faltam a enquadrar e infernizar a pecuária.

A pecuária foi o grande vetor de ocupação territorial e de desenvolvimento das regiões do Brasil. Pecuaristas têm caráter e coragem. Pegam touro a unha. Enfrentam cartéis, queda no valor da arroba, relações perversas entre governo federal e grandes frigoríficos

Etimologicamente, a palavra “**carimbo**” teve em português um caminho inverso à da “caráter”. Cortes e escarificações são feitos no rosto de crianças e adultos em diversas culturas

cicatrizes escuras, elevadas, mal definidas. Em **quimbundo**, chamam-se *kirimbu*. Escravos embarcados recebiam marca a ferro, sinal de pagamento dos impostos devidos. Essas marcas também foram chamadas de *kirimbu*. O vocábulo, incorporado à língua portuguesa, passou a denominar o acessório utilizado para marcar escravos. E estendeu seu nome a outros marcadores de papéis e pergaminhos, para honra e glória da burocracia.

A ofensiva contra a pecuária vai de indivíduos a blocos econômicos. Por vezes, auditores, licenciadores, fiscais, inspetores etc. com seus “carimbos” atacam os pecuaristas em nome do “meio ambiente”, do alto de uma autonomia funcional e burocrática usada em detrimento do interesse público. A União Europeia a cada dia exige mais “carimbos”, certificados e procedimentos a países tropicais para atender a seu **Green Deal**, em crise e recusado por seus próprios agricultores. Narrativas midiáticas e escolares criminalizam pecuaristas, baldoam sua reputação.

A pecuária foi o grande vetor de ocupação territorial e de desenvolvimento das regiões do Brasil. Pecuaristas têm caráter e coragem. Pegam touro a unha. Enfrentam **cartéis**, queda no valor da arroba, relações perversas entre governo federal e grandes frigoríficos. Caráter não é sinônimo de reputação. Caráter descreve qualidades distintivas de um indivíduo ou grupo. Reputação descreve opiniões de outros sobre um indivíduo ou grupo. O caráter é interno e autêntico. A reputação é externa e percebida.

Se lacração, patrulhamento ideológico, consórcios midiáticos e criminosos atentam contra a imagem e a reputação de
pecuaristas, seu caráter segue inabalável. Eles trabalham pela

Sustentável, Pecuária Sintrópica...). Pecuaristas investem, conectam, fazem festas, rodeios, leilões, tocam o berrante e tratam os ataques como **conversa mole para boi dormir**.



A pecuária é altamente empregadora e distribuidora de riqueza | Foto: Shutterstock

Leia também **“Benditos frutos da fruticultura”**

pecuária

Produção agropecuária

agro

Gostei 1

Não Gostei 0



Comentários exclusivos para assinantes, clique aqui

Anterior:

Doutora IA

Próximo:

É proibido ser branco



Seja o primeiro a saber sobre notícias, acontecimentos e eventos semanais no seu e-mail.

Digite seu e-mail

Cadastrar

